

Resumo: O atual modelo de desenvolvimento dos países, de modo geral, se constitui numa ameaça à vida do nosso planeta. A Campanha da Fraternidade Ecumênica 2016, juntamente com a encíclica do Papa Francisco – Laudato Si’ – provocam as Igrejas cristãs e a sociedade para a promoção de ações concretas em vista do cuidado com a Casa Comum. Iluminados pela profecia de Amós, o profeta da justiça, somos desafiados a defender a vida de todas as criaturas, sobretudo, das mais vulneráveis. O cuidado com o meio ambiente requer, simultaneamente, o cuidado dos seres humanos, principalmente, os pobres. Buscamos na encíclica Laudato Si’ os momentos em que o Papa Francisco destaca a figura do pobre como central nesse processo.

Palavras-chave: Meio ambiente. Pobre. Casa Comum. Direito. Justiça. Vida.

Abstract: The current model of countries development, in general, constitutes a threat to life on our planet. The Ecumenical Fraternity Campaign 2016, along with Pope Francisco’s encyclical – Laudato Si’ – provoke the Christian Churches and the Society to promote concrete action in view of taking care of the Common House. Enlightened by Amos’s prophecy, the prophet of justice, we are challenged to defend the lives of all creatures, especially the most vulnerable. Taking care of the environment requires, simultaneously, taking care of human beings, especially the poor ones. We seek in Laudato Si’ encyclical the topics where Pope Francis highlights the figure of the poor as central in this process.

Keywords: Environment. Poor. Common House. Rights. Justice. Life.

O lugar do pobre no cuidado da casa comum

*Ademir Rubini**

* Presbítero da Diocese de Chapecó – SC. Professor da ITEPA Faculdade de Passo Fundo – RS. Bolsista da CAPES.



A Campanha da Fraternidade de 2016 possui duas marcas importantes. Em primeiro lugar, retoma, pela quarta vez, o desafio de realizar esse mutirão de forma ecumênica. Em segundo lugar, apresenta um avanço muito significativo: além das igrejas que integram o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), temos a participação de outras organizações.¹ O tema da Campanha da Fraternidade Ecumênica (CFE) 2016: “*Casa Comum, nossa responsabilidade*”, vem de encontro à preocupação do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e do Papa Francisco, diante do atual modelo de desenvolvimento, o qual destrói a biodiversidade e ameaça a vida do nosso Planeta. A encíclica *Laudato Si’* – Sobre o Cuidado da Casa Comum – trata diretamente do tema, com o objetivo de “entrar em diálogo com todos acerca da nossa Casa Comum.”² Portanto, a proposta é ousada, extrapolando o âmbito católico, estendendo-se ao mundo todo, por tratar-se justamente de uma questão que envolve a humanidade. A intenção do Santo Padre é clara: “Agora, à vista da deterioração global do ambiente, quero dirigir-me a cada pessoa que habita neste planeta.”³

O lema: “*Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca*” (Am 5,24) busca luzes na tradição profética de Israel, que tinha como uma de suas bases a promoção da justiça como condição para a vivência fiel ao Projeto de Deus revelado ao povo de Israel. A CFE quer se deixar iluminar pela profecia de Amós, a qual é portadora de uma mensagem de esperança, sobretudo, para os mais vulneráveis deste Planeta. “Nesse tema e nesse lema, duas dimensões básicas para a subsistência da vida são abarcadas a um só tempo: o cuidado com a criação e a luta pela justiça, sobretudo dos países pobres e vulneráveis.”⁴

A CFE 2016 tem como alvo principal o direito ao saneamento básico para todas as pessoas,⁵ como meio fundamental para o cuidado

¹ Envolver-se-ão também diretamente nesse trabalho a Aliança de Batistas do Brasil, o Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEEP), a Visão Mundial e a Misereor (organização dos bispos católicos da Alemanha). Cf. CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil / Campanha da Fraternidade Ecumênica 2016: *Casa comum, nossa responsabilidade*. Texto-Base. Brasília, Edições CNBB. 2015, n. 11.

² FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si’* do Santo Padre Francisco sobre o *cuidado da casa comum*. Brasília: CNBB. 2015, n. 3.

³ FRANCISCO, 2015, n. 3.

⁴ CONIC, 2015, n. 8.

⁵ “O saneamento básico inclui os serviços públicos de abastecimento de água, o manejo adequado dos esgotos sanitários, das águas pluviais, dos resíduos sólidos, o controle de reservatórios e dos agentes transmissores de doenças.” (CONIC, 2015, n. 32).



do planeta em que vivemos. As relações que se quer construir com ele são de respeito e consideração. A imagem da Casa Comum expressa, entre outras coisas, que todas as pessoas da terra formam uma grande família, e todas as criaturas fazem parte da dinâmica da vida. O Papa Francisco retoma a comparação da Casa Comum com uma irmã, com a qual partilhamos a existência, e com uma boa mãe, que nos acolhe em seus braços.⁶ O cuidado da Casa Comum é praticado à luz da fé na Palavra de Deus, que nos convida a construir um mundo de justiça, paz e alegria, sinal do Reino de Deus (Rm 14,17). A concretização desse projeto se dá em dois âmbitos: por meio de políticas públicas e por atitudes pessoais responsáveis.⁷ É o conjunto dessas ações que possibilitarão condições favoráveis para a vida humana e a de todas as criaturas da terra.

As responsabilidades são coletivas, porém, diferenciadas: o poder público tem a tarefa de realizar as obras de infraestrutura, implementar o Plano Municipal de Saneamento Básico, garantir a limpeza do espaço público e fazer a coleta seletiva do lixo. Nós temos a responsabilidade, enquanto cidadãos e cidadãs, de cuidar do espaço onde moramos, de não jogar lixo na rua, de zelar pelos bens e espaços coletivos.⁸

Dentre os diversos elementos que abrangem o tema da CFE, queremos dar destaque, nesta reflexão, ao direito dos pobres como sujeitos prioritários no cuidado com a vida da Casa Comum. São eles os mais afetados dentro do atual modelo de desenvolvimento.⁹ Não há justiça ambiental sem justiça social. O Papa Francisco reforça a necessidade de se dar atenção primordial aos que são excluídos da sociedade atual.

Nas condições atuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres. Esta opção implica tirar as consequências do destino comum dos bens da terra, mas – como procurei mostrar na exortação apostólica Evangelii Gaudium

⁶ FRANCISCO, 2015, n. 1.

⁷ CONIC, 2015, n. 26. A elaboração e execução do Plano de Saneamento Básico nos municípios, garantindo políticas públicas na área de saneamento básico, precisam ser acompanhadas por atitudes pessoais de cuidado com o meio ambiente. “Nem sempre estamos atentos para atitudes simples, por exemplo, o descarte correto do lixo, ligar nossas casas às redes de esgoto, cuidar da água, entre outras.” (n. 28).

⁸ CONIC, 2015, n. 168.

⁹ CONIC, 2015, n. 16.



– exige acima de tudo contemplar a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé. Basta observar a realidade para compreender que, hoje, esta opção é uma exigência ética fundamental para a efetiva realização do bem comum.¹⁰

Nesta perspectiva, visualizaremos as passagens da Carta Encíclica *Laudato Si'* que tratam acerca desta questão pontual: os pobres, como sujeitos prioritários de direitos, dentro da abrangência do cuidado da Casa Comum. Antes disso, porém, faremos abordagem do livro de Amós, o qual inspirou o lema da CFE 2016, destacando alguns elementos do contexto histórico vivido pelo profeta e o povo de Israel, bem como alguns indicativos de sua profecia que podem contribuir na compreensão do tema da Campanha, principalmente em relação ao direito dos pobres. “Amós fundamenta sua pregação profética numa denúncia social aguda, chamando a atenção para um progresso econômico que não se traduzia em igualdade e justiça para todos.”¹¹

O profeta da justiça

Amós era “pastor de Técuá” (Am 1,1), pequena cidade de Judá (reino do sul). Mais precisamente um criador de animais e cultivador de sicômoros.¹² Sua profissão exigia mobilidade e contato com a realidade social, deixando-o informado sobre os principais acontecimentos dos países vizinhos de Judá. “A compra e venda de animais, bem como o cultivo dos sicômoros (que não se realizavam em Técuá, mas junto ao mar Morto e na Sefelá) provavelmente o forçaram a frequentes viagens.”¹³ Isso possibilitava a Amós conhecer a situação social, política, econômica e religiosa, de Israel.

Internacionalmente, nessa época, as grandes potências, como o Egito e a Assíria, estavam retraídas. Era um tempo de paz em nível

¹⁰ FRANCISCO, 2015, n. 158.

¹¹ CONIC, 2015, n. 119.

¹² Não se sabe, ao certo, se o rebanho era propriedade de Amós ou se apenas estava aos seus cuidados. Sua posição socioeconômica pode ter sido a de um pequeno proprietário ou simplesmente a de um assalariado. O texto oferece as duas possibilidades de interpretação (cf. ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DIAZ, J.L. *Profetas II. Ezequiel – Doze profetas menores – Daniel – Baruc – Carta de Jeremias*. 3. ed., São Paulo: Paulus. 2011. p. 983.

¹³ ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 2011, p. 983 (cf. MOSCONI, Luis. *Profetas da Bíblia: gente de fé e de luta*. Belo Horizonte: CEBI, 1992).



internacional, proporcionando um florescimento econômico no interior dos pequenos reinos. Jeroboão II conseguiu alargar as fronteiras do reino de Israel. “Justamente esse tempo de florescimento representa tempo de aflição para os pobres; riqueza e miséria em plena coexistência.”¹⁴ Há diversas referências nas quais Amós expressa o contraste entre a fartura e a miséria (2,6-8; 3,9-10. 12b. 15; 4,1; 5,11-12; 6,1-6. 11; 8,4-6). Fizeram-se grandes obras para proteger Samaria, todas voltadas para a cidade. A vida palaciana era um luxo. Por isso Amós critica essa pequena elite aproveitadora (Am 6), pois, para manter esse luxo, os pobres precisavam trabalhar sendo explorados.

Amós foi chamado por Javé a profetizar, embora negasse sua origem como profeta (Am 7,14-15).¹⁵ Atuou em torno de 760 a.C, em Israel (reino do norte). Sua profecia não durou muito tempo, mais ou menos um ano, na época de Jeroboão II (787/6-747/6).¹⁶ Sua atuação se deu, nomeadamente, em Betel, no santuário do rei. Desse lugar, Amós profetiza contra os povos vizinhos (1,3-2,3), incluindo Judá (2,4s) e, principalmente, contra Israel, por todos os crimes que suas elites provocaram e continuavam provocando naquele contexto (2,6-16).

Mediante sua profecia, Amós declara que todos esses povos seriam castigados. Esse castigo seria, de forma geral, contra as cidades e os cidadãos. Estes eram a causa principal de todos os problemas. Por isso, aconteceria a destruição das cidades, do templo, da idolatria, do palácio... “Dizer isto no tempo de Jeroboão II significava passar por louco, anunciar algo que parecia impossível. No entanto, é essa a mensagem que Deus lhe confia, e é com ela que Amós se apresenta perante o povo.”¹⁷ A profecia se confirma algumas décadas depois, quando em 722 a.C. a Assíria conquistou a Samaria e destruiu completamente o reino de Israel.

Amós faz uma análise da sociedade a partir do “portão”, que dava acesso ao interior da cidade, cercada de muros, e era o lugar onde os

¹⁴ SCHWANTES, Milton. *O direito dos pobres*. São Leopoldo, RS: Oikos, São Bernardo do Campo, SP: Editeo. 2013, p. 99. Em meio à prosperidade material havia uma profunda corrupção religiosa e social (cf. BARRÉ, Michael L. Amós. In: BROWN, Raymond Edward; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland Edmund. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. São Paulo, SP: Academia Cristã, Paulus 2007, p. 438).

¹⁵ Possivelmente Amós negou ser profeta ou filho de profeta como profissão ou pelo fato de não pertencer a nenhuma corporação profética da época. Sua vocação de profeta veio diretamente de Deus (Am 7,15).

¹⁶ SCHWANTES, 2013, p. 99.

¹⁷ ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 2011, p. 985.



juízes faziam os julgamentos e se discutiam os problemas da sociedade. O profeta denuncia o desprezo dos direitos dos pobres na prática judicial: “*Eles hostilizam o justo, aceitam suborno, e repelem os indigentes à porta*” (Am 5,12b).¹⁸ Analisa a situação a partir da justiça, que estava sendo corrompida pelo suborno praticado pelos juízes. O suborno, certamente em dinheiro, era oferecido pelos economicamente poderosos. “Para os pobres, a jurisprudência junto ao portão não vigora mais. Ou nem sequer podem fazer chegar suas causas até lá (2,7), ou quando se instaura um processo são ‘derrotados’ de antemão através de subornos.”¹⁹

A denúncia de Amós estava ligada, principalmente, a quatro pecados. Em primeiro lugar, denuncia o luxo da classe alta, com seus palácios e objetos valiosos, com as casas de verão, além das extravagâncias e falta de limites nas comidas e bebidas (3,15; 6,4-6). Enquanto viviam em meio a toda essa comodidade, os pobres eram esquecidos (6,6b). “Amós ataca o luxo dos ricos pelo que têm de inconsciência e falta de solidariedade (6,4-6); além disso, porque muitas riquezas foram adquiridas explorando os pobres (4,1; 5,11).”²⁰ Em segundo lugar, Amós denuncia as injustiças cometidas contra os fracos e indigentes, os quais estavam sendo oprimidos e esmagados para manter essas mordomias (2,6; 8,4).

Em terceiro lugar, Amós desaprovou o culto praticado, as ofertas de sacrifícios e outras práticas religiosas, como o pagamento do dízimo, porque serviam apenas para mascarar as injustiças (4,4-5; 5,21-24). “Como outros profetas, Amós afirma que a situação social do povo é importante para Deus e que o culto se torna vazio e mentiroso se as pessoas vão aos templos, oferecem sacrifícios para Deus, mas permitem que a injustiça degrade a vida dos pobres [...]”²¹ O que Deus esperava era a prática do direito e da justiça (5,24). O culto foi desprezado pelo profeta e não era aceito por Deus, porque não era acompanhado do direito e da justiça, não era expressão do amor e de uma fé autêntica, conforme os valores da tradição judaica. O profeta faz emergir um problema crucial: a falta de coerência entre o culto e a justiça social. “Se o homem pratica

¹⁸ A tradução tem como base a Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

¹⁹ SCHWANTES, 2013, p. 106.

²⁰ ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Bíblia do peregrino*. 2. ed., São Paulo: Paulus. 2006, p. 2205. “Em sua crítica social, o profeta denuncia a elite econômica e política de sua época por construir suas ricas mansões e viver num consumismo cheio de luxo à custa do meio ambiente e das famílias camponesas que estavam se tornando cada vez mais pobres e endividadas.” (cf. CONIC, 2015, n. 137).

²¹ CONIC, 2015, n. 120.



o culto que ele inventou para garantir a si o favor de Deus, sem mudar de conduta, essa prática é farsa, é tentativa de suborno; Deus não a aceita. A injustiça vicia o culto.”²²

Por fim, o profeta denunciou a falsa segurança religiosa. Muitos imaginavam que Israel estava numa situação privilegiada, por ser o povo de Deus escolhido e libertado da escravidão do Egito (3,1). Pensavam que estavam seguros. Havia na época, entre a própria elite, a esperança do “Dia do Senhor”. Segundo esta crença, haveria uma intervenção do próprio Deus, através da qual todos os povos seriam entregues ao domínio do povo judeu. Mas o profeta desmascarou essa ideia, dizendo que seria um dia de trevas e não de luz, por causa dos seus pecados (Am 5, 18-20).

Ao longo de sua atuação, o profeta deixa transparecer sua experiência de Deus, que o impulsiona a profetizar. Uma ideia que está bem presente no texto é a libertação do Egito, a qual revela o rosto de um Deus libertador, que conduz seu povo (Am 2,10; 3,1). Além disso, aparece também a imagem de Deus como Senhor da natureza, um Deus criador e, portanto, único (Am 5,8; 9,5-6). Esta experiência de Deus, na vida de Amós, foi base para a sua profecia. Diante de um Deus que se revelou como presença libertadora, e de um contexto de desigualdade, Amós é impelido a ser a voz de Deus e a voz dos pobres. “Em Amós não é um grupo que está lutando por seus interesses, mas o Deus de Israel por “seu povo” (= sua família) e por seu sonho de uma sociedade justa e humanitária.”²³

As graves denúncias de Amós parecem desembocar num caminho sem volta: a destruição e o castigo. Não há como escapar da catástrofe. No entanto, apesar de todas as ameaças feitas pelo profeta, havia ainda uma saída. Esta aconteceria mediante o abandono da idolatria e a conversão ao Senhor (Am 5,4-6), estabelecendo o direito (Am 5,14-15), abandonando o falso culto e vivendo na justiça (Am 5,23-24). “Lutar por uma sociedade mais justa é o único modo de escapar ao castigo.”²⁴

O cuidado preferencial dos mais pobres

O Papa Francisco, logo no início de sua encíclica, lança o desafio de levarmos em conta o grito da terra, que clama contra os abusos co-

²² ALONSO SCHÖKEL, 2006, p. 2216.

²³ ZENGER, Erich. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo, SP: Loyola. 2003, p. 490.

²⁴ ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 2011, p. 987.



metidos contra ela pelos seres humanos. Retomando a Carta aos Romanos (8,22), lembra que a terra está entre os pobres mais pobres.²⁵ O ser humano é chamado a desempenhar um papel fundamental, como agente criador de um mundo justo e fraterno, participando da obra criadora de Deus (Gn 1,26).

Ao criar o ser humano, Deus lhe deu esta missão: cuidar de todas as suas criaturas e continuar Sua obra criadora. “*Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra*” (Gn 1,28). Temos de ter o cuidado para não fazer uma interpretação a partir, sobretudo, da modernidade, a qual considerou o planeta terra como objeto de exploração, imaginando que seus recursos naturais seriam intermináveis. Os termos “submeter” e “dominar”, utilizados pelos tradutores bíblicos, não querem expressar esse espírito capitalista e consumista dos bens da criação, mas o cuidado e a responsabilidade humana na relação com o meio ambiente.

O Papa lembra que a perda da consciência de criaturas limitadas e a pretensão de ocupar o lugar de Deus, destruíram a harmonia entre o Criador, a humanidade e a criação. “Este fato distorceu também a natureza do mandato de ‘dominar’ a terra (cf. Gn 1,28) e de a ‘cultivar e guardar’ (cf. Gn 2,15)”²⁶

O cuidado da Casa Comum, no entanto, precisa ter como perspectiva a vida dos seres humanos, sobretudo, os mais vulneráveis. Já mencionamos acima que a o cuidado do meio ambiente supõe levar em conta o cuidado com a vida humana.

*Devemos, certamente, ter a preocupação de que os outros seres vivos não sejam tratados de forma irresponsável, mas deveriam indignar-nos sobretudo as enormes desigualdades que existem entre nós, porque continuamos a tolerar que alguns se considerem mais dignos do que outros.*²⁷

A preocupação primordial com os seres humanos, principalmente, os pobres, é condição para uma autêntica luta pelo meio ambiente. “Não pode ser autêntico um sentimento de união íntima com os outros seres da

²⁵ FRANCISCO, 2015, n. 2.

²⁶ FRANCISCO, 2015, n. 66.

²⁷ FRANCISCO, 2015, n. 90.



natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos.”²⁸ Neste intuito, daremos destaque agora às principais passagens da Encíclica *Laudato Si'* em que o Santo Padre faz menção dos pobres como alvo principal de todas as ações voltadas ao cuidado do planeta.

O exemplo de São Francisco nos é colocado como modelo de cuidado pelo que é frágil. “Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior.”²⁹ Foi alguém sensível com a criação de Deus e com os mais pobres e abandonados. Nesta perspectiva global, toda a humanidade é convocada a buscar um desenvolvimento sustentável e integral, colaborando na construção e na proteção da Casa Comum. Construir um futuro melhor implica em trabalhar na superação da crise do meio ambiente e da exclusão social. “Uma especial gratidão é devida àqueles que lutam, com vigor, por resolver as dramáticas consequências da degradação ambiental na vida dos mais pobres do mundo.”³⁰

Os pobres são aqueles que mais sofrem as consequências dos impactos causados pelas mudanças climáticas. “Muitos pobres vivem em lugares particularmente afetados por fenômenos relacionados com o aquecimento, e os seus meios de subsistência dependem fortemente das reservas naturais e dos chamados serviços do ecossistema, como a agricultura, a pesca e os recursos florestais.”³¹ Retomando a carta pastoral da Conferência Episcopal da Bolívia, Papa Francisco reforça o fato de que as consequências da deterioração do meio ambiente incidem, principalmente, sobre os mais pobres. “Tanto a experiência comum da vida quotidiana como a investigação científica demonstram que os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres.”³²

²⁸ FRANCISCO, 2015, n. 91. Neste mesmo número, o Papa afirma que seria incoerência a luta contra o tráfico de animais ameaçados de extinção, se não houver também a preocupação com o tráfico de pessoas ou pela vida dos pobres.

²⁹ FRANCISCO, 2015, n. 10.

³⁰ FRANCISCO, 2015, n. 13.

³¹ FRANCISCO, 2015, n. 25.

³² FRANCISCO, 2015, n. 48 (cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL DA BOLÍVIA, Carta pastoral El universo, don de Dios para la vida, 2012, 17). O comprometimento da pesca artesanal, a falta de condições para comprar água engarrafada, a elevação do nível do mar que afeta as populações costeiras mais pobres que não têm para onde ir, entre outros, são exemplos disso.



O mesmo acontece em relação à qualidade da água. A poluição dos rios, lagos e mares, atinge principalmente os pobres, que nem sempre têm condições de ter acesso à água potável. Quem mais sofre são as crianças. “A diarreia e a cólera, devidas a serviços de higiene e reservas de água inadequados, constituem um fator significativo de sofrimento e mortalidade infantil.”³³ O acesso à água potável é um direito humano, que vai sendo negado na medida em que se torna uma mercadoria. “Este mundo tem uma grave dívida social para com os pobres que não têm acesso à água potável, porque isto é negar-lhes o direito à vida, radicado na sua dignidade inalienável.”³⁴

O desperdício de comida é altíssimo. Aproximadamente um terço dos alimentos produzidos se perde. O Papa lembra que “a comida que se desperdiça é como se fosse roubada da mesa do pobre”.³⁵ Ao lembrar o ano sabático e o ano jubilar da tradição de Israel (Lv 25), Francisco retoma o direito dos pobres ao alimento. “Aqueles que cultivavam e guardavam o território deviam partilhar os seus frutos, especialmente com os pobres, as viúvas, os órfãos e os estrangeiros.”³⁶

Papa Francisco considera a cultura do relativismo uma patologia, porque abre caminhos para tratar as pessoas como meros objetos de exploração. Sem verdades objetivas, que vão além da satisfação própria, perdem-se os limites que impedem o desrespeito pela dignidade humana. “Não é a mesma lógica relativista a que justifica a compra de órgãos dos pobres com a finalidade de os vender ou utilizar para experimentação, ou o descarte de crianças porque não correspondem ao desejo de seus pais?”³⁷

O cuidado com a Casa Comum precisa levar em conta a complexidade da crise hodierna. “Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza.”³⁸ O ser humano é parte da natureza, e a busca de soluções para os problemas ambientais precisa levar em conta as realidades sociais, sem exclusão.

³³ FRANCISCO, 2015, n. 29.

³⁴ FRANCISCO, 2015, n. 30.

³⁵ FRANCISCO, 2015, n. 50.

³⁶ FRANCISCO, 2015, n. 71.

³⁷ FRANCISCO, 2015, n. 123.

³⁸ FRANCISCO, 2015, n. 139.



São gritantes, no contexto mundial, as situações de desigualdade. Muitas pessoas são descartadas e despojadas dos direitos humanos fundamentais. O Santo Padre retoma o princípio do bem comum como condição para a superação dessa crise. Faz um apelo à solidariedade e à opção preferencial pelos mais vulneráveis do planeta. Destinar os bens necessários a todos é uma exigência ética fundamental. O consumo irresponsável e egoísta contraria o princípio fundamental do cuidado com a Casa Comum. “Sabemos que é insustentável o comportamento daqueles que consomem e destroem cada vez mais, enquanto outros ainda não podem viver de acordo com a sua dignidade humana.”³⁹

Considerações finais

O cuidado com a Casa Comum exige a construção de uma nova mentalidade. A mensagem do profeta Amós, fundamentada no direito e na justiça (5,24), convoca todos para um processo de conversão: “*Procurai o Senhor e vivereis!*” (5,6; cf. 5,14).

*Amós alerta (cf. 5,21-27) que não é suficiente investir em belas e vistosas celebrações, garantir rituais caríssimos e atrair o público para as festas e cerimônias. As Igrejas devem assumir antes o papel de educadoras das pessoas e comunidades, tendo em vista o bem comum.*⁴⁰

É necessário rever o atual modelo de desenvolvimento, que tem como centro das relações o lucro, mudando profundamente a forma de nos relacionarmos com os recursos naturais. O cuidado do meio ambiente, sobretudo, dos mais pobres, é condição para que *todos tenham vida e a tenham em abundância* (Jo 10,10).

Referências

ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DIAZ, J. L. *Profetas II. Ezequiel – Doze profetas menores – Daniel – Baruc – Carta de Jeremias*. 3. ed., São Paulo: Paulus. 2011.

ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Bíblia do peregrino*. 2. ed., São Paulo: Paulus. 2006. 3056 p.

³⁹ FRANCISCO, 2015, n. 193 (cf. n. 158).

⁴⁰ CONIC, 2015, n. 141.



BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus. 2002.

BROWN, Raymond Edward; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland Edmund. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. São Paulo, SP: Academia Cristã, Paulus 2007.

CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil / Campanha da Fraternidade Ecumênica 2016: *Casa comum, nossa responsabilidade*. Texto Base. Brasília: Edições CNBB. 2015.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum*. Brasília: CNBB. 2015.

MOSCONI, Luis. *Profetas da Bíblia: gente de fé e de luta*. Belo Horizonte: CEBI, 1992. 112 p.

SCHWANTES, Milton. *O direito dos pobres*. São Leopoldo, RS: Oikos, São Bernardo do Campo, SP: Editeo. 2013.

ZENGER, Erich. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo, SP: Loyola. 2003.

E-mail do autor:

ademir_rubini@yahoo.com.br